



Hella Gerlach, 2024

NOVO FESTIVAL

NOVO FESTIVAL

Conceito 23-24

O NOVO FESTIVAL revela a sinergia entre as artes visuais, performance e o pensamento crítico. Em tempos de incerteza, a produção artística contemporânea deverá ter como objetivo a formação de comunidades híbridas como um ato de revolta política.

O NOVO FESTIVAL é aberto a todos os públicos sendo contra qualquer forma de discriminação. Decorre todos os anos, em Julho, na Galeria Foco, e noutros espaços importantes de Lisboa.

NOVO FESTIVAL

Objetivo 23-24

O NOVO FESTIVAL pretende alcançar este equilíbrio tanto a nível estético como analítico. Foram convidados 8 artistas (ver anexo), cada um com uma prática distinta. No entrelaçamento das suas abordagens aos media e à mensagem, este grupo revela que a transdisciplinaridade não é uma escolha, mas sim uma condição para a criação de futuros culturais integrados no planeta. Os artistas seleccionados são de origem portuguesa e internacional. O que todos eles têm em comum é o seu interesse na relação entre o fazer artístico e a responsabilidade ética, e como estes são factores interdependentes no evoluir do cultivo da consciência humana. Se os enquadramentos artísticos e culturais não forem estabelecidos como espaços reais de reflexão sobre a condição humana atual, não haverá outra esfera que torne possível este tipo de realizações sociais e políticas.

O dever curatorial consiste em desenvolver estruturas para que os artistas criem livremente sem as limitações impostas pelo racismo, sexismo e xenofobia que flagelam a sociedade. É de maior importância que os curadores do NOVO FESTIVAL tragam a sua experiência para o debate sobre a "resolução de problemas culturais e sociais através da criação". Curadoria vem de "Curar", cuja origem etimológica reside em "encontrar um remédio". Neste caso, o remédio está na aceitação das diferenças, no apoio mútuo, no cuidado e na validação da expressão artística como uma necessidade para a saúde do ser humano. Poderá ser também uma oportunidade para estes artistas continuarem o seu trabalho, e para a criação de redes que poderão definir futuros imediatos e duradouros.

NOVO FESTIVAL


História  23-24

O NOVO festival 2024 foi a segunda edição do festival que decorreu com grande sucesso durante o mês de julho de 2023 na Galeria Foco em Lisboa. A função central do NOVO Festival é criar um contexto que possibilite a ligação entre uma série de acontecimentos a um nível conceptual. O festival distingue-se substancialmente de um modelo institucional clássico de programação anual.

A sua singularidade reside na forma de comunicar ideias complexas num curto período de tempo. Em consequência, o público é exposto a uma variedade de conteúdos adjacentes. Como qualquer projeto cultural ou contexto produzido, há a responsabilidade de equilibrar as necessidades das comunidades com a visão curatorial.

NOVO FESTIVAL

Futuro  2025

Parceria com 

A plataforma da diáspora brasileira que liga música e arte visual, Febre, a casa da produção áudio-visual de Europa este é Portugal, Título Flamejante e o N.O.W.

Em 2025, o NOVO FESTIVAL desenvolverá uma relação alargada com a cidade de Lisboa através de uma série de ativações que têm como princípio, orientar o facto de a música funcionar como uma ponte entre as atividades do festival e o ambiente em torno da sua galeria-sede. Novos contextos (espaços verdes, teatros e monumentos) serão utilizados e anunciados através de uma programação musical elaborado que visa alargar os limites do que a música pode ser, e deve ser para as comunidades, especificamente e no geral. A realidade da música como o meio pelo qual uma cidade é predominantemente ativada é tomada como um a priori na expansão do NOVO FESTIVAL em 2025, equipando o seu discurso com um aprofundamento do seu compromisso com a hibridização das comunidades. Repensar a forma como a música é vivida, consumida e interpretada alinha-se com o valor do festival que apoia uma reimaginação da arte visual, da performance e do pensamento crítico. A formação de um novo pensamento permite um remapeamento do espaço, da identidade e do futuro. Através de uma curadoria sensível, a música ao vivo será -

- introduzida no âmbito do festival e contará com a participação de artistas nacionais e estrangeiros que partilham entre si práticas que privilegiam a diversidade, a inclusão e a experimentação. Tendo como pilares as artes visuais, a performance, a teoria crítica e a música, o NOVO FESTIVAL permite construir uma base estável sobre a qual artistas estabelecidos e emergentes podem aprofundar as suas práticas e participar coletivamente numa escultura social que beneficia a cidade de Lisboa através do respeito pelas comunidades únicas e suas transversalidades. No espírito de gerar complexidade, 2025 permitirá ao NOVO FESTIVAL alargar a sua lista de artistas representados, para se adaptar às exigências de uma necessidade vital de visibilidade das práticas no complexo expositivo das artes visuais. O questionamento persistente de como o "cubo branco" pode ser um laboratório. As práticas baseadas na investigação continuarão a ser apoiadas pelo festival e pelos seus artistas participantes como prova da ênfase do NOVO FESTIVAL na interseccionalidade.

Josseline Black, Julián Pacomio e Ben Gonthier

NOVO FESTIVAL

Exposição
Performance
Leitura

1 edição 2023

Kuril Chto x Rui Palma

Nazário Diaz

Luís Guerra

Bruno Levorin com Vinícius Possal

P. Feijó

Núria Gómez Gabriel



Com Kuril Chto, vemos os objectos serem eróticos, ao mesmo tempo que encontramos humor nos códigos de objectificação, alguns meigos e outros pornográficos, que fazem do corpo um território para a análise do estado das coisas. Entretanto, somos desafiados a abordar a Mono Blanc (cadeira de plástico branca), como um arquétipo que exemplifica a sobreposição entre produção (industrial) e reprodução (sexual). Todos têm uma memória desta cadeira de plástico. Cadeiras são extraídas em linhas de montagem, bebés são concebidos a cada 30 segundos. O plástico é reciclado, as vidas são curtas. E quanto ao riso? E quanto aos pequenos momentos nesta imensa máquina alimentada pelo excesso de desejo? A obra de Chto, exercendo a sua materialidade variada, diz em tom subliminar: brincar. Com Rui Palma, vemos os protagonistas, humanos e não humanos, habitarem os seus ambientes com tenros sistemas nervosos, abertos à mudança. As figuras que ele cria remetem-nos para as palavras do Swami Rama Tirtha:

Vês, hoje conto-te um segredo,
Escuta a confissão dos meus lábios.
Enquanto amante ou ladrão...
Sou uma tempestade que engole
Todas as leis, julgamentos e exames para
sempre. O mundo inteiro sou só eu, A ressonar
em extêse...
Apanha-me se puderes.

«Enquanto amante ou ladrão... Apanha-me se puderes» – é o desafio que Palma nos propõe. O seu trabalho de fotografia e vídeo são evidentes em si mesmos e não a partir de si mesmos. Ao serem simultaneamente abstractos e figurativos, emerge um misticismo não-binário, uma espécie de canção elucidativa. Como uma ode à mudança. A sua obra é também defensora da magia, ao estar profundamente ligada ao totémico. A reivindicação da inocência, que persiste na obra de Palma, apela a uma espécie de revolução do tacto e do ser tocado pela própria memória. O poético, aqui, como emancipador. A imagem como uma câmara no coração, simultaneamente arrebatada e melancólica.

Então, porquê o azul? O azul, de acordo com a maior parte da teoria das cores, realça a sensibilidade. Vivemos num mundo violentamente saturado de representação. Vivemos também num mundo que exige um grau de «instinto assassino» para sobreviver, que retira a doçura das coisas. Palma e Chto querem essa doçura de volta.

Por outro lado, o título da exposição foi retirado de um filme sueco de 1968, realizado por Vilgot Sjöman e protagonizado por Lena Nyman. O filme é uma crítica a um sistema que privilegia a religião em detrimento da liberdade de expressão sexual. Confiscado à entrada dos Estados Unidos, o filme foi alvo de uma acesa batalha judicial. Foi banido por decisão do Supremo Tribunal dos EUA, que classificou o filme como obsceno – e, portanto, sujeito a regulamentação estatal. Passados 34 anos, a Criterion disponibilizou-o com uma entrevista ao realizador. O filme permanece na esfera pública.

O que interessa neste filme e no diálogo entre as obras de Kuril Chto e Rui Palma não é a constatação da possibilidade transgressiva da arte, mas sim a delicadeza do acto criativo (criar, fazer nascer, trazer ao mundo) no contexto de um sistema que ignora as coisas e se aproveita delas. Haverá sempre opressão, e a questão mantém-se: cultivaremos novas relações entre os nossos corpos e a nossa sexualidade? Actuaremos sobre a nossa curiosidade? Continuaremos “blue”?

Josseline Black





Na peça «Háblame, cuerpo» de Nazario Díaz, vemos um corpo num ato subtil que apenas com a sua presença (e ausência) realiza toda uma transformação fonética, um fuxo vocal que se torna presente à medida que a performance avança; a voz aparece e o corpo desaparece (a ideia de apagamento por insistência) e coloca o seu corpo em colisão com a linguagem, pirotecnia vocal e pirotecnia corporal. «Háblame, cuerpo» leva o título do texto que Juan Vicente Aliaga escreveu por ocasião da exposição realizada no Pavilhão Mudéjar de Sevilha em homenagem a Espaliú em 1994, um ano após sua morte pelo vírus da AIDS. O estudo em torno de Espaliú e da forma como desenvolveu ligações entre a sua obra e a sua circunstância, marcada pela doença, num momento social e político em plena transformação, inspira um trabalho em torno da matéria que se transforma ou desaparece, e da ideia de desgaste de um corpo entendida como existência física e social.



Durante três horas por dia, em dois dias distintos, um corpo humano habitará o espaço de uma galeria invocando um estado de transe. O público é convidado a permanecer o tempo que quiser e a partilhar com esse corpo as impressões que lhe surgirem. Este som que oiço, esta imagem que vejo, esta sensação que sinto, este pensamento que acontece e esta memória que se escapa aparece dentro ou fora? Onde aparecem estas aparições? Serei então o espaço das aparições? Mas se sou o espaço serei então, simultaneamente, todas as coisas que nesse espaço aparecem?



Caso fosse possível, pensando em nossos antepassados mais longínquos, imaginar por qual razão estes sentiram vontade de gesticular pela primeira vez, qual seria? Muitos dirão que o verbo «comunicar» é a resposta mais provável para a questão. Mas comunicar o que? E se o desejo de um «Homo erectus», para fazer um desenho, produzir um movimento, esculpir uma concha ou rocha de uma caverna fosse a sua necessidade de abstrair?

É possível que o nosso primeiro gesto tenha vindo do nosso apetite de transcender o real e, inclusive, se comunicar de outra forma com ele.

Seria a abstração o nosso mínimo gesto comum?



Aristóteles era uma bicha ansiosa. Medo da morte, medo da degeneração, medo da insuficiência. Para o combater, o filósofo quis architectar uma teoria da reprodução que permitisse a continuidade do Homem. Pelo caminho, reduziu a mulher a ferramenta de reprodução, descreveu-a como a primeira forma de monstruosidade e estabeleceu a lógica da herança e da propriedade. O patriarcado é o Homem a tentar ser eterno. A teoria de Aristóteles aceitava uma exceção apenas: um tipo de criaturas que nasciam não por reprodução sexuada, mas do excremento. Estes bichos de merda perturbam a reprodução patriarcal e abanam a estrutura do mundo ordenado. São bichxs que se trans*formam, que trazem à conversa a analidade e que sabem de uma forma de geração não-reprodutiva: a de-geração. 'Bichxs de Merda' é uma crítica trans*feminista da teoria patriarcal da reprodução e procura encontrar formas de potência na abjecção das coisas que sempre mutam e nunca encaixam. Bichxs de merda é o que se encontra na noite vazia do Ser, quando olhamos para o abismo de que a ansiedade foge.



«Traumacore. Crónicas de uma dissociação feminista» é o título de um ensaio literário sobre o feminismo dissociativo e a cultura pós-traumática atual, que pergunta como podemos falar de feridas sem as embelezar e sem corroborar um velho mito que transforma os traumas femininos em constelações celestiais dignas de culto. No plano formal, o ensaio combina fragmentos de crónica experiencial com análises visuais políticas e culturais de estudos de caso através de duas metodologias de criação e pensamento a que chamámos «Super Size Me» e «Gordian Knot». Da mesma forma, a voz na primeira pessoa que enreda o ensaio situa-se no Distrito VI de l'Hospitalet de Llobregat e move-se entre a zona industrial de Bellvitge e os arredores de Barcelona para narrar várias experiências liminares ligadas ao horror psíquico e corporal. Ao mesmo tempo, esta voz que nos falará da alteração das constantes vitais do nosso corpo através de elementos góticos, xenófobos, pós-pornográficos, da teoria afectiva e da poesia do corpo, também nos aproximará das formas de horror de uma sociedade instalada em -

- experiências dissociativas que ela própria designa por «perturbações de angústia» ou «perturbações de despersonalização». Do ponto de vista teórico, o ensaio utilizará os fundamentos da ideologia da estética gótica para investigar novas mitologias e narrativas simbólicas ligadas a colectivos demasiadas vezes submetidos a dinâmicas inscritas no abuso de poder. Relevância, exclusão, «desordem», neurodivergência e subculturas relegadas para as margens são algumas das questões que tenta refletir, da cultura popular aos diferentes movimentos sociais, para interrogar os limites da norma.

NOVO FESTIVAL

Exposição
Performance
Leitura

2 edição 2024

Cristina Stolhe x Hella Gerlach

Luísa Saraiva

Alberto Cortés

Isabel Do Diego

Réda ait Chégou

Giulia Damiani

Filipa da Rocha Nunes



Às vezes, em certos dias, as pessoas reúnem-se para se partilharem entre si livremente, como pássaros, e sem força. Também falam, mas a sua linguagem é ambígua, sob os raios sónicos do silêncio e a memória encoberta que lhes concedem o gesto e o toque. Os seus sinais não verbais são compreendidos. Há também uma brisa ligeira. Há um perfume. Faz-lhes lembrar algo, mas não conseguem situar o cheiro. O dia continua, lento e pesado como o verão. O sol derrama-se sobre as suas cabeças e quase se perdem no calor. É servida uma refeição. A mesa é deixada desarrumada e ninguém se importa. As roupas são acrescentadas e retiradas dos corpos. A forma e a função das coisas confundem-se, invertem-se e reiniciam-se. Nos visores dos seus corações, as imagens materializam-se e desaparecem como ondas. Pertencem a si próprios e uns aos outros. O horizonte está próximo, tão próximo que se pode caminhar sobre ele, mas em vez disso o oceano defende o céu, e eles observam, calma, generosamente, como as nuvens claras se movem. Ainda assim, não é claro quem escreveu o guião para este desenrolar de significantes. É tudo muito limpo, nostálgico, áspero, suave e pessoal. Alguém vê uma sombra, alguém vê um peito e um ombro pousados numa cama, alguém ouve o ruído de um pequeno motor a atravessar a terra. Vislumbres. Ousadia. Ternura. Não é perigoso confiar no mundo. Todos sabem disso. Ao olhar para as fotografias de Cristina Stolhe, propõe-se algo de muito íntimo e também frontal. Quase como respirar de acordo com diferentes temperaturas, as suas obras nomeiam coisas que precisam de ser nomeadas e também deixam sem nome coisas que não devem ser pronunciadas. Faz sentido, de modo subliminar, que vejamos estas imagens, elas levam-nos a lugares, de volta a nós próprios e de novo ao vento.

Os protagonistas são esquecidos. Novos protagonistas são saudados. Ninguém nem nada fica preso no tempo, mas há uma notável progressão no espaço. Poética não é a palavra correta. Quimérica também não. Honestas. Estas obras são honestas. Delicadas. São também delicadas.

Quando o corpo está fechado, certas coisas são possíveis. A guarda está erguida, estamos inacessíveis. Quando o corpo está aberto, a intimidade torna-se possível. É este o processo em que Hella Gerlach incorre quando cria corpos têxteis e os liberta nos seus ambientes. Aqui deparamo-nos com algo muito estranho e também muito humano. Afinal, não queremos todos ser vistos a partir do interior? E, ao mesmo tempo, esconder-mo-nos também? Não será este o paradoxo de não estarmos totalmente conscientes de quem somos, mesmo que tentemos fragmentar-nos, não seremos ainda um pouco alérgicos à disgressão? A propósito do que se expõe e do que se oculta, as esculturas de Gerlach também palpitam, movimentam-se e fazem som. Estão vivas, com consciência, e a cores.

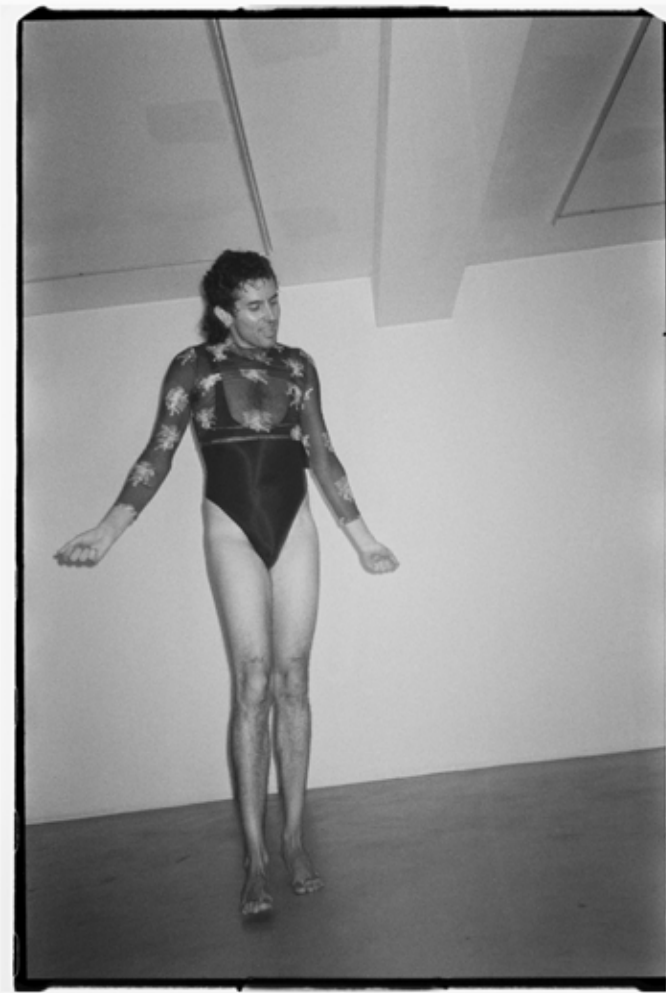
Juntas, Stolhe e Gerlach levam-nos a moldar como nos transformamos, a nossa memória e desejo. Não aqui é projetado. O dia move-se, suavemente, como um animal.

Josseline Black
(tradução: Santiago Simões)





Nesta performance Luísa Saraiva partilha a sua pesquisa e prática em torno das fisicalidades do canto, dos limites da voz feminina e da natureza háptica do som. Explora as possibilidades sonoras da respiração ao canto, através de uma prática de movimento que expõe visualmente o trabalho físico envolvido no controlo da voz. O universo musical é inspirado em canções tradicionais do norte de Portugal sobre violência e sentimentos de amargura.



Imaginem uma noite de fogueiras onde a ideia da história narrada regressa ao seu contrato original. Juntamo-nos à volta da luz para nos ouvirmos uns aos outros, mal nos vendo. Imaginar uma floresta à noite que é uma sala, um hall, um corredor, onde não há frente porque o que tem de haver é um dentro. Porque o espectador está em perigo neste encontro. Imaginar uma noite de histórias, transformar o romantismo em terror, um livro em perigo, a palavra em algo que transporta algo mais do que a palavra, que pode ser pensado como um encantamento, mas que também, porque só pode ser suportado quando é transportado em conjunto, um só não pode.

Este encontro parece uma leitura, mas o que ele procura na sua essência é acabar com a ideia de leitura dramatizada, porque aqui não há nem leitura nem dramatização. O que temos aqui é um espaço para escutar e habitar o imaginário. É percorrer o livro "Los montes son tuyos" nem como cena, nem como livro, nem como apresentação de um livro e todos os seus fastidiosos protocolos. Como podemos respeitar as letras das páginas se as tratamos como panfletos políticos. Eles, os nossos políticos, não podem fazer isto: transformar a partilha de palavras num acontecimento de perigo e de esperança.



AZOGUE é um trabalho em curso de Isabel Do Diego sob a forma de uma cena de concerto aproximada. Em AZOGUE, Isabel Do Diego interessa-se pelas práticas atávicas do flamenco em relação à sua sonoridade e à forma de habitar o corpo em palco para a sua elaboração.

As mãos, os pés e a boca.

O rasgueo, o zapateao e o quejío.

Também, em AZOGUE, há canções baseadas em estruturas musicais que, na tradição popular, estão relacionadas com a sedução e o prazer.

O namoro, a dança da proximidade corporal e a festa. A copla, o dembow e a eletrónica hardcore ou gabber. Esta investigação é realizada durante a residência artística de Los Tientos 23-24, um programa anual concebido pela Universidade de Granada, através de La Madraza. Centro de Cultura Contemporânea. Nesta residência, Isabel Do Diego trabalha também a encenação, utilizando o espelho como um objeto que multiplica a imagem e a luz. É aqui, e após um período de ensaios, que se propõe o seguinte: Se ao azogar um vidro obtenho um espelho e todo o seu poder cénico, o que aconteceria ao azogar a música?

Como soaria esta música azogada, que espaço corporal ocuparia quando tocada ao vivo? Para tal, Isabel Do Diego criou o instrumento Azogue, com o qual pretende traduzir em música o que foi dito e levá-lo ao palco utilizando o corpo de uma forma não tradicional ou académica. Este primeiro protótipo do instrumento Azogue é feito de aço cromado ligado a um software. Neste instrumento-máquina é o corpo, enquanto ser vivo, que é a ponte necessária para que a música brote e flua.

Em AZOGUE, Isabel Do Diego propõe uma viagem cénico-musical de ida e volta. Um universo entre o atávico e o intemporal do flamenco, do folclore e da eletrónica. Para isso, Isabel Do Diego utiliza uma música eletrónica líquida, vaporizada, agitada e cintilante, que serve de base a melodias vocais tradicionais, encarnadas e vociferantes, com um corpo em pleno fulgor vital. É a prata movediça que tudo abana e nada fica no mesmo estado. AZOGUE, no seu formato de álbum e com um título diferente, será lançado no outono de 2024.



Abuse of silence (bad seeds never die) é um panfleto. Uma regurgitação de mágoas que encontram o seu caminho fora de um corpo que já não podem ocupar para a manifestação de um eu que já não existe. Uma tentativa de invocar a história de uma mulher desprezada através do terrível final da sua primeira história de amor dentro do seu novo eu. É uma coleção de fluxos inesperados de pensamentos, escritos meio conscientes a meio da noite, ainda inconscientes da sua própria materialidade. Da dor à tinta, manifesta-se um fluxo natural que transcende a experiência da autora para uma forma poética desregrada, selvagem e crua. Entre a autora e as páginas do livro, não existe outra dinâmica que não seja o ressurgimento do trauma profundo e a sua incapacidade de controlar a sua expressão fundamental. Como se as palavras lhe escapassem involuntariamente da alma, dando subitamente sentido a todo um novo território emocional, ao mesmo tempo que se lamenta, enterra um velho eu e abraça a metamorfose à medida que esta acontece. transição.

Uma verdade interessante aparece sem ser convidada, actuando num "ioda dance physical show", conduzindo o autor através de uma viagem dolorosa mas curativa de auto-consciência. Uma peça vulnerável, livre de toda a discriminação associada à língua materna da escritora, o inglês faz a ponte entre um núcleo emocional e a sua manifestação física através de uma língua que a dissocia dos traumas que ultrapassou. O leitor tem a oportunidade de se sentar, de se ver espelhado neste corpo de trabalho íntimo, de contemplar as suas experiências vividas, acompanhadas por um sentimento universal de amor, o medo de o perder e a questão fundamental do pai. O amor é uma ação tangível ou um sentimento mágico? O amor existiu ou ela continua a sonhar sem o saber?

"Abuso do silêncio, o fundamental, os opressores deixaram-me sem palavras e tu também."



O desgosto foi descrito por alguns como um sentimento revolucionário. Splits fala do desejo de ficar com as coisas que se partem, e com o ato de partir. Esta performance e este texto articulam sonoramente as rupturas necessárias na linguagem e no lugar. Será uma ativação de rochas dos Montes Apeninos (Itália) e do conhecimento feminista através de gerações.



Caríssimas pessoas cidadãs,
Como Secretária-Geral do Arquivo Nacional das Luzes venho por este meio convidar-vos à sessão de apresentação dos resultados relativos às captações de luz e sensações levadas a cabo no 1º Semestre de 2024 pelas equipas do Terreno, da Junta e do Arquivo propriamente dito. Trata-se de um período excepcional que deixa toda as pessoas trabalhadoras orgulhosas. Conseguiu-se arquivar tons que já não se viam desde os anos 40 e que nos explicam repetições históricas e cronológicas reveladoras. A cerimónia iniciar-se-á com uma breve explicação do funcionamento do Arquivo das Luzes, seguida da leitura de alguns tons captados entre Janeiro e Junho de 2024:

- Luz 5 da Sala Desejo
- Luz 3 da Sala Decisão
- Luz 2 e 3 da Sala Paixão
- Luz 11 da Sala Tristeza
- Luz 1 da Sala Felicidade

Na expectativa de nos vermos em breve,
Sem mais a acrescentar, apresento os meus melhores cumprimentos.

Filipa da Rocha Nunes
Lisboa, 11 de Junho de 2024

NOVO FESTIVAL

Equipa  23-24

2023

Curadoria -

Josseline Black
Benjamin Gonthier
Julian Pacomio

<https://www.josselineblack.com>
<https://l1nq.com/galeriafoco>
<https://julianpacomio.net>

Fotografia -

Pedro Pires

<https://acesse.one/pedroleote>

Tradução -

Santiago Simões

Editora -

Zero Editions, São Paulo

<https://zero-editions.org/>

2024

Curadoria -

Josseline Black
Benjamin Gonthier
Julian Pacomio

Designer -

Lourenço Marin

<https://lourencomarinpereira.cargo.site/>

Fotografia -

João Corrêa

<https://l1nk.dev/joaocorrea>

Videografia -

Título Flamejante

Tradução -

Santiago Simões

Editora -

Zero Editions, São Paulo

2023/Apoio -

República Portuguesa - Cultura / Direcção-Geral das Arts,
Pambala de Metacontemporary, Film 2e Inc, UMMI, Fine Print

2024/Apoio -

Film 2e Inc, UMMI, Marcio Vilela, Título Flamejante LDA



Kuril Chto, 2023

Caso tenha alguma dúvida
ou precise de mais detalhes,
não hesite em contactar.



info.novofestival@gmail.com
contact@focolisboa.com
